

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Anne Tavares

Adultos maduros e idosos na escola: depoimentos de educadores.

Porto Alegre
1.Semestre
2013

Anne Marina Correa Tavares

Adultos maduros e idosos na escola: depoimentos de educadores.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram direta e indiretamente para que esse sonho fosse possível...

Primeiramente aos meus pais, irmãos e sobrinho pelo apoio, amor e suporte financeiro, pois sem vocês nada disso seria possível.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Johannes Doll pela paciência, dedicação e por acreditar na minha proposta de trabalho.

Aos professores do curso de Pedagogia, por fazerem parte da minha formação, compartilhando seus saberes e experiências.

Às colegas que estiveram comigo durante a formação, especialmente as que estiveram nas últimas etapas do curso, nas quais me dediquei aos estudos sobre educação de jovens e adultos.

À colega Catarine Costa por me acompanhar desde o primeiro semestre, compartilhando de angústias e sucessos durante a formação.

Aos colegas do Programa Incluir da UFRGS, pelos momentos de descontração e apoio durante todo processo de escrita dessa pesquisa.

Agradeço também a escola em que realizei estágio obrigatório e as entrevistadas pela acolhida e contribuição para este estudo.

**“Não há educação fora das sociedades humanas e
não há homem no vazio”.**

Paulo Freire

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso traz uma reflexão a cerca do espaço social da escola na educação de adultos maduros e idosos, a partir das vivências de educadores. Essa pesquisa foi motivada pela minha experiência de estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma turma de alfabetização (totalidade 1) composta majoritariamente por idosos. (, no CMET Paulo Freire neste Município.)

O processo de envelhecimento no campo da educação é uma questão que carece de estudos e discussões, uma vez que ele é inerente ao ser humano. Além disso, o aumento do envelhecimento populacional leva a sociedade a repensar novas formas de significação e de se viver esse envelhecimento. Nesse sentido esta pesquisa traz uma reflexão sobre a dicotomia idoso-escola, uma vez que este é um grupo cada vez mais significativo e que socialmente pare não combinar. Partindo do olhar de educadores, se propõe a discutir sobre os desafios apresentados nessa prática, bem como se pensar sobre o significado da escola para estes adultos maduros e idosos.

A metodologia adotada nessa pesquisa é a abordagem qualitativa, que inclui a revisão teórica do campo da educação e envelhecimento bem como estudos sobre as redes de relações sociais da velhice. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três educadoras experientes na educação de adultos maduros e idosos. Os dados obtidos foram transcritos e analisados apoiando-se na revisão de literatura. As reflexões apresentadas neste trabalho buscam outras maneiras de se pensar a educação para a velhice, bem como pensar o campo da educação se configurando como mais uma das redes de relações sociais para estes sujeitos.

Palavras chave: Educação de Adultos Maduros e Idosos. Envelhecimento. EJA.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	METODOLOGIA	9
2.1	Apresentação dos entrevistados	11
3	AS IDADES DA VIDA	13
4	ENVELHECIMENTO	15
4.1	Adultos maduros e idosos	18
4.2	Idosos no Brasil	19
5	EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO	22
5.1	Gerontologia educacional	24
6	PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO E ADULTOS MADUROS E IDOSOS	27
6.1	O significado do envelhecimento	27
6.2	Desafios de aprendizagem em adultos maduros e idosos	29
6.3	Como lidam com esses desafios da docência na educação para os sujeitos maduros e idosos	31
6.4	Rede de relações sociais na velhice	34
7	POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES DESTE ESTUDO	36
	REFERNCIAS	38
	APÊNDICE A – Eixos e questões para entrevista	42
	APÊNDICE B – Ficha de identificação	43
	APÊNDIE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	44

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é motivada pela minha experiência na prática de estágio docente, em que, apesar de considerar uma experiência de sucesso, encontrei algumas dificuldades ao lecionar para uma turma composta majoritariamente por idosos.

No segundo semestre de 2012 realizei meu estágio obrigatório no CMET Paulo Freire, neste município. Na minha formação até então não havia me deparado com questões como, as dificuldades de aprendizagem na velhice, entre outros desafios diários oriundos da questão do envelhecimento.

As disciplinas da psicologia do curso de pedagogia tem o enfoque na criança, não oferecendo discussões sobre as questões de aprendizagem e suas dificuldades com adultos e idosos, sendo estes um público cada vez mais presente nas salas de aula, tanto na EJA quanto no ensino superior. Percebo uma carência nesse sentido na minha formação, pois não encontrei discussões sobre o tema, tampouco sabia da existência da gerontologia educacional até então.

Foi somente a partir das trocas diárias com os alunos, é que encontrei outros subsídios para fundamentar minha prática, partindo da perspectiva freiriana de considerar as vivências de cada sujeito, valorizando-as, partindo da noção que o ser humano por menos letrado que ele seja não é um ser sem conhecimentos. Sendo então, sujeitos detentores de saberes que devem ser valorizados e explorados em sala de aula.

A sociedade aos poucos acorda diante desta demanda em ascensão, contudo percebo que muito deve ser feito com relação a isso. É preciso uma mudança de mentalidade com relação à velhice e seus paradigmas, uma vez que criando oportunidade de educação para adultos maduros e idosos estaremos acreditando no seu potencial de desenvolvimento como ser humano e cidadão. Por isso, acredito que o campo da educação

“Necessita da criação, do desenvolvimento e da institucionalização de uma metodologia adaptada às características destes sujeitos, considerando-se os aspectos cognitivos, afetivos e ambientais.” (NERY; YASSUDA, 2008, sp).

Os idosos devem ter seus direitos e oportunidades garantidos assim como os demais, sendo papel da sociedade garantir que isso seja possível, uma vez que estes sujeitos dedicaram às suas vidas a manutenção dessa sociedade. No Brasil percebe-se que os idosos têm demandas específicas, contudo necessitam de atendimento direcionado para o que realmente carecem, dando visibilidade à essa etapa da vida e conseqüentemente pensando em formas de se viver mais e com qualidade.

Segundo dados do IBGE as transformações nos padrões demográficos brasileiros vem se acentuado a partir de 1940, com a redução do crescimento populacional e mais expressivamente a partir de 1960, conseqüentemente ocasionando forte diminuição na taxa de fertilidade. Em contrapartida temos o aumento significativo da população em idade ativa e de pessoas idosas, essa se acentuando cada vez mais a partir do Século XXI.

Os dados reforçam a ideia de que são urgentes estudos sobre o envelhecimento, a fim de pensar maneiras de garantir a estes sujeitos meios de participação ativa na vida em sociedade. Apesar de ser um tema pouco discutido e por não termos muitos estudos e profissionais que se dedicam a área, a demanda não para de aumentar. A intensificação de estudos na área e a introdução de assuntos gerontológicos nos cursos de formação de professores são importantes, para se pensar na manutenção e garantia de bem-estar social na velhice em um futuro bem próximo. Por isso a importância da temática estudada, para que se possa refletir e discutir também sobre os impactos da EJA como rede de apoio social no bem-estar destes sujeitos.

A partir dessas inquietações, surge este trabalho de pesquisa. Pesquisa esta que não vem apenas para apontar as dificuldades, mas para trazer algumas possíveis soluções encontradas por mim e por outras professoras, que atuaram em circunstâncias semelhantes a minha.

2 METODOLOGIA

A opção escolhida para esta pesquisa metodológica foi a abordagem qualitativa. Esta abordagem, segundo Godoy 1995, “tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”. Ou seja, esta abordagem permite ao pesquisador colher as informações que busca dentro da esfera pesquisada, sendo de sua responsabilidade instigar os investigados em busca de respostas.

Para isso é necessário ir a campo, possibilitando este contato direto com o meio e a situação estudada. Neste trabalho utilizarei a entrevista como instrumento de pesquisa. A entrevista é uma ferramenta capaz de quebrar isolamentos, sejam eles grupais ou individuais. Assim podemos escutar, perguntar, formular de maneira diferente, interagir com o entrevistado e se necessário reformular questões para ser compreendido, além de permitir a refletir sobre a proposta e ordenar os fatos.

Entretanto devemos estar atentos aos limites da entrevista, como estamos lidando com pessoas, importante frisar que este irá fornecer os dados que desejar, partindo da sua visão de mundo e experiências, por vezes não correspondendo a realidades objetivas. Além disso, o entrevistado pode ter a tendência de responder aquilo que ele acha que o entrevistador queira ouvir, o que pode comprometer a entrevista. Por isso a importância de estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado, para que a entrevista possa fluir de maneira tranquila e natural. Contudo, o entrevistador deve estar atento às limitações da entrevista, intervindo sempre que necessário.

O objetivo aqui é propor que o entrevistado converse abertamente sobre as questões orientadoras para este estudo, o propósito não é trabalhar com perguntas e respostas prontas. Por este motivo, escolhi trabalhar com modelo de entrevista semiestruturada devido à possibilidade de perguntas abertas, no caso de haver necessidade este modelo de entrevista permite que outras perguntas além das orientadoras para o estudo sejam feitas para conduzir a entrevista.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir

das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. (MANZINI,2003,p.2)

Por este motivo é que a entrevista semiestruturada me parece mais interessante, por permitir essas trocas entre o entrevistado e o entrevistador, o que possibilita novas reflexões e abordagens no decorrer da própria entrevista.

Optei por entrevistar educadoras com experiência na educação de adultos maduros e idosos, pois me interessei pelo fato de que poderiam contribuir com o relato de suas experiências em sala de aula e também através de suas observações, atentas as dinâmicas daquele espaço.

Num primeiro momento, realizei uma revisão bibliográfica sobre as temáticas abordadas, destacando as questões do processo de envelhecimento e cognição, educação para adultos maduros e idosos e redes sociais na velhice.

O roteiro de entrevista foi elaborado a partir do problema de pesquisa e das hipóteses levantadas, sendo organizados nos seguintes eixos: significado do envelhecimento, desafios de aprendizagem de adultos maduros/idosos e como os professores lidam com isso.

Além disso, outro fator importante foi a escolha da população entrevistada, neste caso optei por entrevistar educadoras experientes com grupos numerosos de adultos maduros e idosos. Já dizia Manzini (2003, p.13): “ A intimidade com a população a ser entrevistada auxilia a escolha do vocabulário a ser utilizado, além de auxiliar na compreensão das palavras faladas”. Dentre as entrevistadas, duas me acompanharam durante a realização do estágio docente, facilitando o processo para a realização da entrevista piloto.

Antes da realização da entrevista piloto, o roteiro teve apreciação externa, fazendo com que os eixos criados delimitassem o caminho ser percorrido. Manzini (2003, p.20) fala da importância de realizar a entrevista piloto com uma amostra a ser entrevistada a fim de adequar o roteiro, de corrigir perguntas, ou até mesmo criar indagações futuras.

A entrevista piloto foi realizada em uma sala de aula desocupada, em uma sexta-feira, dia dedicado à reuniões pedagógicas e planejamento dos Professores do CMET Paulo Freire. Para isso, fez-se uso do termo de consentimento informado, garantindo o sigilo e a identidade dos entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente para a análise dos dados coletados.

2.1 Apresentação dos entrevistados

As entrevistas foram realizadas com três professoras, sendo duas delas professoras do CMET Paulo Freire, local em que realizei meu estágio curricular do currículo da Pedagogia¹. Os nomes dados à elas são fictícios, preservando suas identidades.

Carla professora da rede Municipal de Porto Alegre, leciona a mais de 15 anos no CMET Paulo Freire em turmas de EJA, há mais ou menos oito anos leciona com as turmas de alfabetização, as T's iniciais². Carla tem formação em Pedagogia. Eu a escolhi pelo fato de ter sido professora titular da minha turma de estágio, e por considerar que ter uma relação de proximidade facilita no momento da entrevista, fazendo que a conversa fluísse naturalmente.

Minha entrevista teve duração de aproximadamente 30 minutos com gravador ligado, entre uma interrupção e outra de algumas colegas de trabalho de Carla, continuamos a conversa sem ser gravada, numa conversa mais informal. A entrevista foi realizada no próprio CMET, em uma sala que fora cedida para nós.

A entrevista com Simone foi realizada no mesmo espaço, esta por sua vez conheci por intermédio da outra entrevistada citada acima, pois ambas realizam um projeto de docência compartilhada na T1 do turno da tarde.

Simone acaba de se formar em Letras pela PUCRS, seu outro curso de formação é de Licenciatura em Pedagogia pela UFRGS que habilitou para o exercício da docência. A mesma é funcionária do Município há 10 anos, lecionando em turma de Jovens e Adultos há pelo menos seis anos. Escolhi-a, pois têm experiência com turmas de idosos e mostra grande interesse pela temática.

Já Jaqueline foi escolhida em caráter emergencial, uma vez que a outra pessoa a ser entrevistada teve alguns problemas de agenda. Além disso, o que me fez optar por escolher Jaqueline foi a sua ligação com a EJA, pois sua mãe é educadora da modalidade há muitos anos e por ter realizado seu estágio em turma de alfabetização assim como eu, majoritariamente composta por idosos. Jaqueline é formada em Pedagogia por esta universidade e realizou sua pesquisa de TCC sobre "Histórias de vida e escolarização de adultos: caminhos entrelaçados", enriquecendo o teor da nossa conversa.

Como já estava familiarizada com a sua pesquisa, neste dia saímos para almoçar em que pudemos ter uma conversa bem informal e posteriormente nos

dirigimos a Faculdade de Educação onde encontramos uma mesa vazia em um corredor tranquilo no turno da tarde para que pudéssemos gravar a entrevista.

3 AS IDADES DA VIDA

Sabemos desde Ariès(1981) que a configuração de família e as idades da vida de forma cronológica não era diferenciada como hoje em dia. Seus estudos mostram que a partir do século XIII é que a noção de infância quanto categoria foi sendo construída. Antigamente não existia a noção de infância como algo separado do resto da vida, talvez por esta razão que na França medieval as crianças participavam tanto do mundo de trabalho quanto social dos adultos. Nota-se que apesar de nosso ciclo vital não ter se alterado, as divisões das fases da vida não eram delimitadas e percebidas pela sociedade como na contemporaneidade.

Foi através da percepção de que o adulto é um ser independente, com direitos e deveres sociais e que a criança por sua vez, é um ser dependente e, portanto carece de cuidados, possibilitando o surgimento dessas divisões como forma de construto social. Por sua vez, a noção de idade foi construída socialmente na medida em que a nossa identidade civil foi construída, considerado os estágios distintos da vida como sendo configurações fundamentais para a manutenção da sociedade. Entretanto, é importante salientar que essa divisão das etapas da vida e as características atribuídas às diferentes idades variam nas diferentes sociedades.

Apesar de Bourdieu(1983) considerar as divisões por idades uma classificação arbitrária, “as idades da vida”, se tornaram elementos importantes para dar conta das transformações históricas e a possibilidade de receber contribuições de tradições locais e das novidades externas. Esse mecanismo cronológico transforma a sociedade, pois cria atores políticos e com essas definições novos mercados políticos.

Na explicitação das razões que levaram à cronologização da vida, pesos distintos podem ser atribuídos a dimensões diversas. A padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice pode ser pensada como resposta às mudanças econômicas, devidas sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra baseada no mercado de trabalho. Inversamente, ênfase pode ser dada ao Estado moderno que – na transformação de questões que diziam respeito à esfera privada e familiar em problemas de ordem pública – seria, por excelência, a instituição orientadora do curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria (1). (DEBERT, 1999,p. 74)

Debert (1999) corrobora também com a ideia de que a cronologia das idades, marcador este levado com extrema importância pelos sociólogos, não se torna um marcador significativo para os indivíduos, uma vez que a vida pós-moderna caminha para a descronologização da vida. Contudo, percebe-se que o sistema de datação acaba atribuindo status, papéis ocupacionais e novas demandas sociais, sendo uma delas o direito à aposentadoria.

Outras formas de amparar a pessoa idosa já existiam antes mesmo da Constituição Federal de 1988, porém foi através desta que o sujeito idoso ganha um amparo muito mais claro. Entretanto, foi com Política Nacional do Idoso através da lei 8842 de 1994, que os sujeitos idosos passaram a ter seus direitos ampliados, entendendo o envelhecimento como algo que diz respeito à sociedade.

No decorrer da história, vimos que a infância não tinha a concepção que temos hoje, que o adulto e o velho nem sempre foram sinônimo de sujeitos detentores de sabedoria. Com o passar do tempo e as novas configurações sociais, o surgimento do capitalismo e da industrialização, começam a surgir outras concepções sobre as fases da vida.

Nesse sentido que o envelhecimento recebe nova configuração social, a partir do momento em que o sujeito idoso passa a ser visto como um ator político, muitas vezes tendo na aposentadoria uma nova etapa da vida. Esta etapa que pode caracterizar uma “nova juventude”, pois possibilita ao sujeito idoso ser produtivo de outras maneiras no seu tempo livre e, por conseguinte temos a criação de um mercado de consumo em potencial.

4 ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é um processo que atinge todos os seres humanos, contudo é atribuído a ele imagens negativas no sentido de que a velhice é cercada de perdas. Entretanto, é impossível falar da velhice sem falar das perdas e da proximidade com a morte, por ser essa etapa estigmatizada como a fase final da vida. O corpo envelhece por diversos fatores, se manifestando de forma singular em cada sujeito.

Envelhecer significa enrugar, apresentar perdas na memória, agravamento de doenças, perdas ósseas, além de ser uma fase marcada pela saída dos filhos de casa, a chegada da aposentadoria e do tempo livre. Isso tudo gera uma imagem negativa do envelhecimento, na medida em que a sociedade associa o corpo como uma máquina, valorizando sua capacidade produtiva e valorizando um padrão de beleza que é o da figura jovem.

Contudo, entre os idosos existem cada vez mais pessoas protagonistas dentro desse novo conceito de envelhecimento que vem surgindo, são mais ativos perante a sociedade, buscam a qualidade de vida, novas redes de suporte social, entre outros. Apesar de a velhice ser associada à finitude, o aumento da expectativa de vida criou para um grupo cada vez maior condições de pensar sua vida pós-aposentadoria de outra forma através do resgate de sonhos antigos, além de poder criar condições para que se viva mais e melhor.

É preciso abandonar a imagem negativa e muitas vezes distorcida que se tem sobre o envelhecimento, pois os fenômenos que marcam essa fase não são só característicos da velhice, eles podem ocorrer em todas as fases da vida, além disso é importante frisar que não é só de perdas que se vive a velhice. Isso depende de fatores biológicos, dos hábitos e costumes que adquirimos ao longo da vida. São esses fatores que vão influenciar como será cada fase da vida, sem esquecer de que ter a mente sã é parte fundamental para se viver com qualidade em qualquer etapa da vida.

As tensões psicológicas e sociais podem apressar as deteriorações associadas ao processo de envelhecimento. Percebe-se no indivíduo que envelhece uma interação maior entre os estados psicológicos e sociais refletidos na sua adaptação às mudanças. A habilidade pessoal de se envolver, de encontrar significado para viver, provavelmente influencia as transformações biológicas e de saúde que ocorrem no tempo da velhice. Assim, o envelhecimento é decisivamente afetado pelo estado de espírito, muito embora dele

não dependa para se processar. (MENDES; GUSMÃO; FARO; LEITE. 2005, p.424)

É na velhice que emergem características singulares e marcantes resultantes da própria trajetória de vida de cada indivíduo, são elas dependendo do seu grau de complexidade é que vão influenciar o papel social que este sujeito desempenhará.

A experiência de envelhecimento não é homogênea, pois aqueles que obtiveram sucesso e dinheiro durante a vida terão na velhice um novo mercado consumidor, buscando a complementação dos estudos (universidade para terceira idade), explorando o turismo e etc. Já aqueles que não tiveram esse caminho terão com a aposentadoria a chance de aumentar a renda familiar, pois muitos continuam trabalhando e também de realizar outros desejos que este “benefício” os proporcionará. Como por exemplo, o caso daqueles que buscam a escola para questões vinculadas ao mercado de trabalho ou em busca de novos conhecimentos e relações sociais. A situação financeira neste caso é apenas um dos fatores que contribuem para a heterogeneidade na velhice, frisando que ela não é dependente apenas deste fator por sofrer influência de outros marcadores.

Devido à atenção que o envelhecimento vem recebendo com o passar dos anos, são várias as tentativas de estabelecer padrões de envelhecimento a fim de fornecer categorias para distinguir processos de envelhecimento. Entretanto muitos exaltavam questões do envelhecimento ligadas à patologia, assim surgiram outras formas de se pensar o envelhecimento, de forma patológica e de também forma funcional. Com isso, novos conceitos e terminologias vêm surgindo para classificar os indivíduos em idades mais avançadas.

Contudo, nas sociedades ocidentais de hoje, muitas vezes a classificação em terceira idade não é mais suficiente para dar conta dos sujeitos em idade avançada, sendo necessária a criação de uma nova categoria, a quarta idade, para dar conta daqueles que não estão mais em idade de trabalho nem apresentam sinais de decrepitude. Importante salientar que a iniciação na terceira idade não é homogênea, isto é, ela difere nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, distinto em cada país.

Segundo Baltes e Smith (2003), existem duas formas de definir a terceira e quarta idade, sendo ambas complementares. A terceira idade seria aquela que de qual tem aparecido de forma ideal em algumas literaturas, trazendo motivos de

otimismo, contrastando com aquela visão negativa dos sujeitos idosos de até bem pouco tempo. Já a quarta idade seria marcada pelo declínio inevitável, sendo foco de preocupação e reflexão, uma vez que poucos indivíduos estiveram lá, mas que cada vez mais pessoas tendem a entrar nela.

Estes dois períodos etários, possuem características específicas que os diferem, assim sendo, Baltes e Smith (2003), apontam sete aspectos positivos sobre a terceira idade, são eles: aumento da expectativa de vida (os idosos estão vivendo mais), considerável potencial latente para uma melhor forma (física e mental), gerações sucessivas mostrando ganhos de forma física e mental, evidências de reservas cognitivo-emocionais da mente no envelhecimento, cada vez mais pessoas envelhecem com sucesso, altos níveis de bem-estar emocional e pessoal (*self-plasticity*) e por fim, estratégias efetivas para gerir os ganhos e as perdas da velhice.

Em contraponto, a quarta idade parece ser marcada por preocupações, segundo os cinco apontamentos de Baltes e Smith (2003) a seguir: perdas consideráveis do potencial cognitivo e na habilidade/capacidade para aprender, aumento da síndrome do stress crônico, aumento considerável da prevalência da demência(cerca de 50% nas pessoas com 90 anos), elevados níveis de fragilidade, disfuncionalidade e multimorbilidade, e por fim a dúvida sobre uma morte digna nesta fase de vida. Contudo, percebe-se o motivo pelo qual a quarta idade torna-se motivo de reflexão e preocupação, por ser uma fase relativamente nova levanta questões éticas sobre até que ponto seria sensato estender o curso da vida.

Conforme Baltes e Smith (2003 p. 7-8) o envelhecimento não é só declínio irreversível, pois existe plasticidade nesse processo, e com isso as possibilidades de aprender e de adaptação às novas formas de vida trazem possibilidades de novos ganhos. As alterações fisiológicas e plásticas elas ocorrem de forma particular em cada indivíduo, em contraponto com a ideia de que a velhice seria marcada por declínios e pela falta de perspectivas, uma vez que essas alterações podem ocorrer em todas as fases da vida.

A velhice não deve ser vista como algo ultrapassado e sem vitalidade, muito pelo contrário, uma vez que ela é um processo natural do ser humano. Por isso, deve haver conscientização sobre esse processo, para que se aceite a velhice como fase que faz parte do sujeito histórico, sendo importante que estes sujeitos continuem ativos, pois somente assim participarão da história e da construção de novas formas de se viver e pensar a velhice.

4.1 Adultos maduros e idosos

Como vimos no capítulo “As idades da vida”, infância, adolescência, vida adulta e velhice são fases construídas socialmente, seguida de normas que regulam cada segmento etário na ordem social, ou seja, a criação de tarefas evolutivas, em que cada fase se espera que o indivíduo produza. São vários os fatores que contribuem no processo das tarefas evolutivas, sendo eles independentes das idades cronológicas. Por exemplo, com a chegada da vida adulta esperasse as ambições da adolescência passem por um período de maturação, fazendo com que importantes escolhas sejam feitas com maturidade, como o fato de procriar ou não.

É importante frisar que o envelhecimento passa por outras marcas sociais, como a aposentadoria, a viuvez, a saída dos filhos de casa, a chegada dos netos e etc. Entretanto percebe-se que a definição de uma fase entre a idade adulta e a velhice passa por dificuldades, pois são diversos os marcadores sociais atribuídos aos sujeitos adultos mais velhos que varia entre os países sofrendo influências culturais e temporais.

Com o aumento da longevidade e a melhora da qualidade de vida dos adultos e dos idosos, diferentes sociedades passam a reconhecer uma nova fase no ciclo vital, à qual são dados vários nomes, como por exemplo, meia-idade, idade madura, maturidade, terceira idade e outros (Neri, 2001 a)(NOGUEIRA,2001, p.33)

Para a Organização das Nações Unidas (ONU,1982) o ser idoso difere nos países desenvolvidos sendo esta fase marcada a partir dos 65 anos, e nos países em desenvolvimento a partir dos 60 anos. Assim, no Brasil a terceira idade começa partir dos 60 anos. A resolução 39/125 deste mesmo ano considera as diferenças regionais de cada país, podendo ser considerado idoso aquele que tem menos de 60 anos, porém em acelerado processo de envelhecimento.

Neste trabalho, entretanto utilizarei os termo adultos maduros os quais considero aqueles sujeitos em fase de transição do adulto jovem para o de meia idade, que se estende aproximadamente dos 40 aos 60 anos, conforme Margis e Cordioli(2001, p. 159).

4.2 Idosos no Brasil

Estudos apontam a tendência acelerada de envelhecimento da população brasileira. O país vem apresentando um novo padrão demográfico, marcado pela diminuição na taxa de crescimento populacional, uma forte diminuição das taxas de fertilidade e um aumento da expectativa de vida com a consequência de um forte aumento dos sujeitos idosos na população brasileira. Em 1980 a expectativa de vida dos idosos era de 62 anos, em 2010 passou para 73 anos e estimativas apontam que em 2020 a expectativa de vida será de 77,8 anos. Com os dados percebe-se que para que este aumento na expectativa de vida siga estes patamares, mudanças significativas na sociedade e na medicina estão ocorrendo.

Os idosos correspondem a 11% da população brasileira, essa mesma participação era de 4,7% em 1960, ou seja, houve um aumento de 6,3% resultando em um montante de 21 milhões nos dias atuais. Assim, o Brasil ocupa o 8º lugar no mundo dentre os países com mais idosos. Segundo dados do IBGE, estima-se que a população com 60 anos ou mais chegue a 64 milhões, ou seja, 28,8% da população brasileira em 2050.

Dentre os fatores para que os idosos estejam vivendo mais, está o fato de com o auxílio da tecnologia a medicina e a farmacologia vem avançando, havendo assim, controle e redução do número de mortes por doenças infectocontagiosas, responsáveis por alto nível de mortalidade. Além disso,

Como aponta Camarano (2006), o envelhecimento da população é resultado de políticas assistencialistas para a melhoria de condições de vida, além do próprio desejo da população de viver cada vez mais. Apenas buscar a longevidade não é suficiente; ela deve ser fortalecida por políticas públicas que garantam a qualidade de vida das pessoas idosas e consolidem essa busca como uma meta a ser perseguida como política pública, e não como política de governo.(OLIVEIRA, 2013,)

O ritmo crescente do envelhecimento da população brasileira esta sendo acompanhando pelos governantes há anos, entretanto sabe-se que poucas são as políticas públicas que visam dar conta desta demanda. No Brasil percebe-se que alguns segmentos importantes para a sociedade continuam presos a ideologias do passado, por isso, não é difícil nos deparar com planejamentos governamentais que não estejam baseados na nova realidade demográfica do país. Cabe aqui salientar a

necessidade de pensar políticas públicas que atendam estes sujeitos, através da garantia de espaços de ação e convivência na sociedade.

Apesar do crescimento econômico do Brasil, o país apresenta ainda fortes desigualdades regionais, por isso a necessidade de discutir, planejar e reformular políticas sociais, econômicas e de saúde de modo que se pense na especificidade de cada região. Podendo assim, atender as demandas em serviços específicos para a população idosa de forma a contempla-los na sociedade como um todo, para além das políticas de saúde e previdência social.

Conforme Oliveira (2010), o contexto do idoso brasileiro apresenta uma demanda social nos diferentes aspectos, são eles: previdência social, moradia, saúde, cultura, trabalho, educação, segurança. Contudo, é preciso lutar para um sistema mais justo e atento para as questões e a realidade do nosso envelhecimento.

O idoso brasileiro assume papel fundamental nesse processo, uma vez que ao ocupar os espaços de direito assume papel político, configurando uma luta de presença, assumindo seu papel perante a sociedade, uma vez que foram eles durante toda uma vida que garantiram sua manutenção.

A responsabilidade de todos nós, no tempo do nosso envelhecimento, é a de trabalharmos para que a sociedade brasileira possa resgatar a cidadania de quem está envelhecendo; do indivíduo que, embora tenha algumas ou muitas dificuldades materiais ou físicas, tem grandeza de espírito e força interior. Envelhecer tem o extraordinário mérito de sintetizar todas as idades. Portanto, se bem posicionado, bem atendido nas suas necessidades, bem estimulado à participação social, cada idoso brasileiro é um indivíduo que ainda pode compreender e criticar os acontecimentos dos dias atuais, e também contribuir para a construção da modernidade e do futuro da nossa sociedade. (SALGADO, 1999, p.5-13)

Para que isso seja possível, percebo a necessidade de mudança na mentalidade da sociedade com relação a estes sujeitos, pois se continuarmos a pensar o velho como um ser improdutivo e sem capacidades, estaremos estigmatizando estes sujeitos como um peso para a sociedade, que por sua vez acaba por oprimi-los.

Os preconceitos acerca da velhice elucidam as faces da discriminação e opressão que muitos idosos sofrem, por serem considerados sujeitos improdutivos e sem capacidade de aprender. [...]Por vezes o idoso, é visto como incapaz de estabelecer suas

aspirações, cabendo somente o que lhe é imposto ou referido.(OLIVEIRA, 2010,2)

Nesse sentido, percebo a importância dos espaços educativos escolares ou não, como fundamentais para se pensar na inserção e as demandas destes adultos maduros e idosos, criando novas redes e expectativas em uma fase que não se espera muito da vida. Qualifico a educação como estratégia de empoderamento dos sujeitos idosos, para enfrentar os estereótipos que lhes foram impostos pela sociedade, com o objetivo de construir um novo olhar para a velhice.

5 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO

Na sociedade contemporânea, rever os estereótipos associados ao envelhecimento é uma tendência em ascensão, uma vez que a velhice se tornou uma nova categoria social e de mercado. Essa preocupação se deve ao fato de que os idosos fazem parte de parcela cada vez mais significativa na população e com isso novas perspectivas sobre o processo de envelhecimento.

Com o processo do envelhecimento, vem a saída dos filhos de casa, a aposentadoria e com isso o tempo livre. O trabalho muitas vezes é a maneira com que estes sujeitos estão ligados à sociedade, por isso há também a preocupação com o que fazer com o tempo livre. Porém, que atividade que no lugar do trabalho o fará se sentir reconhecido e ativo perante a sociedade?

São diferentes as possibilidades que o idoso tem com a chegada da aposentadoria, a questão aqui é destacar que atividades são estas que o fará sentir-se ativo e reintegrado novamente. Dentre estas está a possibilidade de continuar trabalhando e ter na aposentadoria um acréscimo na renda familiar, além disso, resgatar sonhos e realizar atividades que não puderam ser feitas em virtude do trabalho, neste caso mais voltado ao lazer. A pesquisa Idosos no Brasil traz dados interessantes nesse sentido, como veremos a seguir:

O Estatuto do Idoso favorece o lazer dos idosos por preconizar desconto de 50% nos seus ingressos em eventos culturais. Os dados demonstram que 52% conhecem este direito, mas somente 12% já o utilizaram. O conhecimento do benefício cai com a idade, pois entre os idosos de 80 anos ou mais somente 38% sabem dele e só 9% já o utilizaram. Aqueles que apresentam menor rendimento têm menos conhecimento desta possibilidade (até um salário mínimo: 43%; mais de cinco salários mínimos: 76%) e também utilizam menos esse acesso a atividades culturais (até um salário mínimo: 7%; mais de cinco salários mínimos: 28%). (DOLL, 2007, p. 116)

Contudo, percebemos que o rendimento familiar está diretamente ligado ao conhecimento de alguns direitos e serviços, bem como o caso de usufruir dos benefícios garantidos pelo Estatuto. Por esta razão os espaços culturais ainda são pouco utilizados por estes sujeitos.

Dentro da configuração demográfica atual tendo em vista o contingente de sujeitos idosos, temos o surgimento de um mercado consumidor, como o caso da oferta de créditos consignados e o turismo na terceira idade, este último com alguns

benefícios na tentativa de impulsionar o setor. E por fim, não menos importante temos um grupo que se dedica a resgatar oportunidades que por uma razão ou outro lhes foram negadas anteriormente, que é o caso dos que buscam a educação nessa etapa da vida.

A educação é também na velhice vista como um instrumento importante e indispensável para a velhice bem-sucedida, educação como formadora de sujeitos ativos. Seria ela então capaz de fazer com que estes cidadãos possam ser reinseridos na vida social, fazendo com que se sintam úteis, reconhecidos e integrados?

Nesse sentido, concordo com Doll (2007) ao mencionar que, “uma das funções da educação é ensinar algo que possa ser usado posteriormente. A escola ensina saberes, valores, competências e habilidades com base nessa presunção.” Assim, a educação corrobora no crescimento dos sujeitos ao retornam para a escola na velhice, tendo como objetivo estimar os alunos em busca de que possam compreender as constantes transformações da sociedade atual.

Importante ressaltar de que não é só na escola que se aprende, pois existem espaços educativos nas demais instituições sociais e agências educacionais. Além disso, o ser humano é um ser adaptável, assim ele aprende com o ambiente e através dele no seu convívio social. Portanto, na medida em o que o sujeito envelhece maior será sua carga de vivências e conhecimentos que devem ser valorizados.

Neri (2004), diz que “iniciativas de educar adultos maduros e as pessoas idosas é acreditar no potencial humano para o desenvolvimento”, assim, criam-se possibilidades para que estes sujeitos possam se relacionar com outras gerações, buscar seus direitos, conquistando maior autonomia e ação social.

A educação assim como a sociedade vive um momento de mudança, buscando integração com a diversidade, afirmando cada vez mais sua função social. Nesse contexto, entendo educação como prática social, que se dá através das relações sociais entre os sujeitos e nas mais diversas instituições.

5.1 Gerontologia educacional

O trabalho educativo com idosos vem crescendo cada vez mais, seja no contexto da universidade da terceira idade ou de outros espaços educativos. Entretanto percebo que sua ligação com a Educação de Jovens e Adultos carece de estudos e problematizações, uma vez que as práticas nessa modalidade centralizam na questão dos jovens, muitas vezes não sabendo o que fazer com os sujeitos idosos em sala de aula. Assim, as práticas ficam reféns de planejamentos utilizadas com crianças, através de abordagens desinteressantes e desvinculadas com os sujeitos em questão.

Não existe consenso sobre o tema da Gerontologia Educacional, muitos são os autores e termos que encontrados sobre o tema, o que nos mostra a sua prematuridade nos estudos. Contudo o que tenciono nessa pesquisa é a importância deste estudo que têm atraído cada vez mais pesquisadores, dado que muitos benefícios podem resultar dessas atividades educativas.

A gerontologia educacional como forma de educação permanente, sendo também um campo interdisciplinar, pode ser definida como

“Gerontologia educacional é o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre velhice e indivíduos idosos. É possível observar três diferentes, mas relacionados aspectos: (1) atividades educacionais voltadas para pessoas com meia idade ou idosos; (2) atividades educacionais para um público geral ou específico sobre envelhecimento e pessoas idosas; e (3) preparação educacional para pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar em relação a pessoas idosas como profissionais ou de forma profissional.” (Peterson 1976, p. 62, tradução Johannes Doll). (DOLL, 2008, p. 7)

Trata-se de uma pedagogia voltada para esses sujeitos, partindo do pressuposto que os idosos são capazes de aprender, mas também de trazer contribuições para os demais. Neri e Cachione (1999) corroboram no sentido de perceber que as oportunidades educacionais para os idosos trazem importantes ganhos evolutivos, a partir do momento que promovem o aperfeiçoamento do sujeito idoso, possibilitando articulação com novos contatos sociais, além da troca de experiências pessoais.

No contexto da Educação de Jovens e adultos, encontramos alunos que buscam a formação por diversos motivos, algumas pesquisas apontam que entre os

grupos dos idosos existe a necessidade de resgatar um direito que lhes fora negado ou postergado na juventude. Por esta razão, percebe-se um número cada vez maior de sujeitos idosos fazendo parte do cenário da EJA, o que vem de encontro com o que esta modalidade de ensino se propõe.

O parecer CNE N° 11/2000 apresenta as funções da EJA, que são: equalizadora, reparadora e qualificadora.

a **função reparadora** da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante.(BRASIL, 2000, p.7)

Nesse sentido a EJA apresenta também aos sujeitos de mais idade a oportunidade de restaurar os direitos que lhes foram negados, não com a ideia de suprimento, e sim com objetivo de resgatar direitos além dos civis. Já a função equalizadora da EJA “vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados”(BRASIL, 2000, p.9), na medida em que ela busca a reinserção destes indivíduos no mundo.

Já a função qualificadora é considerada o sentido da educação de jovens e adultos, uma vez que ela tem como objetivo proporcionar conhecimentos para toda a vida, ou seja, a educação permanente. Segundo este mesmo parecer “A EJA é uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito têm a ensinar para as novas gerações” (BRASIL, 2000, p.10). Por este motivo considero a EJA como mais uma opção para que estes sujeitos adultos maduros e idosos possam desenvolver seu potencial e compartilhem experiências entre si e entre gerações.

Considero importante ressaltar que apesar da nomenclatura da EJA, os sujeitos idosos estão inseridos nessa modalidade de ensino, conforme sinaliza o parecer. Segundo BRASIL (2000, p.08) “Adulto é o ente humano já inteiramente crescido. O estado de adulto (adultícia) inclui o idoso. Este parecer compreende os idosos como uma faixa etária sob a noção de adulto. Sobre o idoso, cf. art.203, I e 229 da Constituição Federal”.

O trabalho com grupo de idosos muitas vezes apresentam a falta de intencionalidade já vista com os jovens, em que a proposta de trabalho nem sempre parte da realidade daqueles alunos, além de haver uma infantilização das práticas pedagógicas para os sujeitos da EJA. Sabemos que as pessoas idosas fazem parte de um grupo altamente heterogêneo e, portanto apresentam interesses educacionais distintos, sendo este o desafio constante do educador na EJA.

O professor deve conhecer os sujeitos ali inseridos, perceber seus desejos a fim de dar conta de questões específicas.

A Gerontologia Educacional precisa dar conta de algumas questões específicas, tais como as relativas aos idosos que pouco estudaram ou que não estabeleceram relações próximas com o aprendizado escolar. É preciso muito cuidado para não expô-los a situações não compreensíveis e sem significado. É imprescindível que os educadores sejam mais sensíveis a tais questões. (CERONI, 2011, p.20)

A autora corrobora no sentido de que a educação para estes sujeitos de mais idade devem ser pensada com sensibilidade para que estes não sejam mais uma vez afastados do contexto da educação escolar, assim os educadores da EJA encaram o desafio de buscar em outras áreas do conhecimento como trabalhar diante das especificidades dessa fase da vida. O que se mostra interessante em lecionar para adultos e idosos é que cada um trás para a dinâmica da sala de aula suas experiências e saberes, e aproveitando-se disso que o educador terá subsídios para propor práticas condizentes com o grupo em questão.

6 PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO E ADULTOS MADUROS E IDOSOS

Ao realizar as entrevistas com as três educadoras com práticas na educação de jovens e adultos, mais especificamente com adultos maduros e idosos, foram coletados diversas informações relevantes para estudo. Contudo, para não fugir do objetivo desta pesquisa, optou-se por analisar as entrevistas, fazer a seleção de alguns apontamentos para fins de uma análise mais aprofundada destacando alguns depoimentos.

Neste capítulo irei abordar através do relato das entrevistadas, quais as perspectivas e os desafios enfrentados pelos educadores na educação para o envelhecimento. Uma questão importante a ser lembrada é que as identidades das entrevistadas foram preservadas, em virtude disso utilizarei nomes fictícios.

As entrevistas foram baseadas em três eixos, o significado do envelhecimento, dificuldades de aprendizagem de adultos/idosos e como lidam com esses desafios da docência na educação para os sujeitos maduros e idosos. Além desses tópicos norteadores, as entrevistas trouxeram outros que destaco também no desenvolver desse capítulo, com a questão da feminização da velhice e as redes de relações sociais.

6.1 O significado do envelhecimento

No primeiro eixo sobre o envelhecimento procurei instigar as entrevistadas sobre o que elas entendem por envelhecimento. Percebi em todos os episódios olhares confusos e expressões de não entendimento, o assunto de certo modo causava estranhamento para as entrevistadas, então procurei puxar a conversa partindo das suas vivências com os sujeitos idosos (familiares e alunos).

Assim aos poucos elas me forneceram pistas, tais como o caso de Jaqueline que destacou o envelhecimento como um processo natural, em que as pessoas tendem a envelhecer cada vez mais.

Na sua fala durante a entrevista, em nenhum momento apresentou estigmas da velhice, percebendo o processo de envelhecimento como algo problemático, isso

possivelmente por sua própria trajetória de vida. Jaqueline por crescer em uma família de mãe educadora da EJA, e todo seu interesse de buscar mais sobre estes sujeitos que fazem parte dessa modalidade de ensino, percebo sua sensibilidade em salientar que “existem ganhos na velhice também”.

Nesse sentido, concordo com Neri (2007, p.35) ao citar Osgood, Suci e Tannenbaum, 195, quando acrescenta que “nossos comportamentos em relação aos idosos e à velhice dependem da interação entre crenças, que podem ser corretas ou incorretas, entre afetos, que podem ser positivos, negativos ou neutros, fracos ou fortes”. Ou seja, esse conjunto de fatores que interagem com o sujeito, é que vão influenciar na maneira como vamos estabelecer relações com os idosos e com a nossa própria velhice.

Ainda segundo Neri (2007, p.35), estas atitudes com relação à velhice são estabelecidas socialmente durante toda a vida, através da convivência com pessoas idosas e, sobretudo sobre a experiência direta, ou seja, sobre a própria velhice. Estabelecer significados ao envelhecimento não é tarefa fácil, tendo em vista que o processo sofre uma série de influências. Assim, percebi nas falas de Simone e Cíntia, que falar sobre o que entendem por envelhecimento apresentava-se como algo vago, entretanto, a ideia de processo aparece em ambos os casos como algo subentendido. No decorrer da fala da Cíntia, percebi, entretanto que essa ideia de processo não apareceu de forma positiva como um todo, como apresenta na fala a seguir.

A questão do próprio envelhecimento, que a gente tá tentando entender até para fazer atividades ou coisas que ajudem eles a estimular o cérebro, que faça desafios, que eles se interessem. A gente vai criando coisas, nós buscamos das outras áreas suporte para poder entender os alunos. Porque é uma fase importante na nossa vida também. É um tema que a gente tem que saber conversar sobre isso, pelo menos de uma maneira assim[...] claro não de uma maneira negativa, mas existe a possibilidade e a gente vai morrer e daí[...] como é que a gente trabalha com essas coisas?(Cíntia)

Na sua fala, ela mostra a angústia ao se deparar com o tema morte em sala de aula, tendo perdido uma aluna no final do ano passado. Então como lidar com estas questões, uma vez que, Cíntia na sua especificidade, através de suas vivências, medos e anseios apresenta tamanha sensibilidade ao e se deparar com o tema morte e finitude.

Nas entrevistas, entretanto, percebe-se que o tema envelhecimento é ainda pouco pensado ou esclarecido, por vezes causando estranhamento, mesmo para aquelas que lidam com este público há mais tempo. Não se percebe muitos preconceitos com relação aos idosos, porém a imagem que têm da velhice apresentam tons preocupantes, trazendo em suas falas a imagem de pessoas que aprendem de forma devagar ou que precisam de um apoio específico. Não fica claro se essa imagem se deve à classe social ou à idade, tendo em vista que estes adultos maduros e idosos têm características semelhantes na sua trajetória escolar, sendo uma das razões pelas quais procuram a EJA. Estas questões ainda carecem de estudos, trazendo dúvidas para um estudo posterior.

6.2 Desafios de aprendizagem em adultos maduros e idosos

Muitos estudos apontam que na medida em que o ser humano vai envelhecendo é natural do processo que aconteçam algumas perdas, dentre elas está um declínio nas funções cognitivas, neste caso a memória. Quando indagadas a respeito das dificuldades de aprendizagem, Simone trouxe a seguinte contribuição.

Tu sabe que essa questão da memória e do esquecimento é uma coisa mais ou menos comum entre eles, mas tem uns que esquecem mais, outros que esquecem menos, mas todos esquecem sabe[...]Essa questão do esquecimento, no idoso[...] não sei como a gente vai dizer assim[...] no idoso essa questão da memorização é uma coisa que me preocupa há anos assim... **Porque a gente tem que estar sempre retomando, vai e volta, vai e volta e retoma e trabalha.**(Simone)

O processo de aprendizagem não é linear, ele está em movimento, se constituindo ao longo da vida dos sujeitos. Assim, o processo sofre influência de fatores genéticos, relações sociais, estilo de vida entre outros, somente assim entenderemos até que ponto a memória deste indivíduo será afetada ou não pelo processo de envelhecimento, conforme Yassuda(2002, p.150).

Para algumas pessoas idosas, a velhice é vivenciada com naturalidade, não apresentando dificuldades significativas em relação à memória, porém, para outras, essa fase é preenchida por sentimentos de tristeza, frustrações, medos e baixa auto-estima, que podem prejudicar as habilidades cognitivas. (Neri, Yassuda e Cachione,2004, p. 149-150)

A maneira como a velhice é vivida e experimentada influencia nas questões do desenvolvimento cognitivo do sujeito, uma vez que, a maneira como se vive esta fase tem fator significativo na maneira como será a sua habilidade cognitiva nesta etapa. Portanto a percepção que o sujeito tem sobre o processo de envelhecimento e a sua memória são fatores importantes no seu desempenho, uma vez que aquele que apresentar uma imagem negativa do processo tende a apresentar mudanças de comportamento e, por conseguinte dificuldades na realização de tarefas.

Nesse sentido MOLL, 2004 corrobora quando diz que “fazer-se professor de adultos implica postura para uma sensível escuta cotidiana, como também para uma ampliação do olhar.” Por isso a importância de manter uma relação de diálogo com aluno, para verificar possíveis dificuldades, a fim de oferecer esclarecimentos a este aluno e se for o caso buscar auxílio com profissionais específicos. Nessa fase da vida é importante que o sujeito construa imagem positiva também em relação ao seu desempenho, para que vivencie a velhice de maneira saudável e satisfatória.

Já Cíntia destacou que dentre os desafios apresentados no dia a dia, esta a cobrança de alguns alunos com relação ao aprender, pois muitos chegam à escola imaginando que em pouco tempo já saberão ler e escrever, porém sabemos que o processo de ensino-aprendizagem é complexo e varia entre os sujeitos.

Na verdade é muito trabalho para ser feito e em seguida eles ficam perguntando assim: **“quanto tempo leva um adulto pra aprender?”** Aí é que tá, a gente não tem essa resposta. Porque cada um deles tem um tempo diferente. (Cíntia)

O tempo está muito presente na nossa vida cotidiana e social, sendo uma organização cada vez mais complexa. Entretanto quando falamos em educação, devemos lembrar que o processo de aprendizagem não é isolado, ele recebe interferências do ambiente, e assim acontece o processo de aprendizagem, na articulação entre tempo e espaço de assimilação.

A pessoa idosa processa informações mais lentamente. Se a informação for apresentada muito rapidamente, esta poderá não ser assimilada. Se for dado tempo suficiente para esse processamento, o idoso terá maiores condições de assimilar as informações, e as diferenças entre jovens e idosos podem ser diminuídas. (NERI; YASSUDA; CACHIONE, 2004, apud ARDILA, 1998).

A maior preocupação pelo que parece por parte das educadoras é com relação à memória e o processo devagar de aprendizagem destes alunos maduros e idosos. De fato na medida em que envelhecemos tendemos a processar as informações mais lentamente, mas isso não é regra, pois são vários os fatores relativos a trajetórias pessoais e biológicos que influenciam nesse processo.

Gadotti (1997) corrobora ao trazer a visão de conhecimento para Freire, ao citar que

Para Paulo Freire, o conhecimento é construído de forma integradora e interativa. Não é **algo pronto** a ser apenas "apropriado" ou "socializado", como sustenta a pedagogia dos conteúdos. Por isso, essa pedagogia sustenta, até hoje, a necessidade da memorização. Conhecer é **descobrir e construir** e não copiar. Na busca do conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Para ele é preciso reinventar um conhecimento que tenha "feições de beleza". (GADOTTI, 1997, sp)

Assim, essa pedagogia de conteúdos tão enraizada na escola aparece de forma problemática da forma como conduz o processo de construir o conhecimento, trazendo a necessidade de memorização e a valorização de habilidades cognitivas que priorizam a produção aparece de forma descontextualizada se refletirmos sobre alunos da EJA.

O planejamento para adultos maduros e idosos deve levar em consideração que muitas atividades deverão ser retomadas, o tempo individual de cada aluno deve ser respeitado e levado em considerado durante a realização das atividades. Além disso, o educador deve manter o diálogo constante com a turma valorizando os avanços de cada aluno, a fim de fazê-los perceber que o processo de aprendizagem é gradativo e que cada dia se aprende algo novo, mas que também já se sabe muitas outras coisas que devem ser valorizadas no ambiente escolar.

6.3 Como lidam com esses desafios da docência na educação para os sujeitos maduros e idosos

Como diria Freire (1989, p.97) "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa". Compartilho deste mesmo sentimento, tendo em vista os desafios da docência e o que me proponho como

educadora. Assim, a formação inicial para o exercício da docência é o início de um longo caminho de pesquisa e estudos, como retrata a fala abaixo.

A minha formação não me preparou para trabalhar com esses sujeitos (idosos), tão pouco problematizou as questões de aprendizagem nessa etapa da vida. O que fiz durante todo meu trabalho foi buscar materiais e disciplinas eletivas durante a formação que tratassem da questão do envelhecimento [...] eu procurei estudar e buscar materiais conforme a minha necessidade [...]a EJA e estas questões ainda tem pouca visibilidade nos cursos de formação.(Jaqueline)

Essa carência na formação também foi levantada pelas outras entrevistadas, assim percebe-se o interesse do professor diante das necessidades apresentadas na realidade de sala de aula, pois as educadoras buscam materiais de apoio para trabalhar com os alunos. No caso de Jaqueline teve a oportunidade de cursar uma disciplina que abordasse a questão da velhice, mas no caso das demais, percebi que mesmo com a correria da profissão docente elas buscam materiais, palestras e outros meios de se interar sobre a educação para a velhice.

No contexto da nossa discussão, podemos constatar que os currículos atuais tendem a ficar sobrecarregados com conteúdos que os alunos devem estudar. Com isso, acontece uma disputa entre os assuntos que devem entrar no currículo e aqueles que não conseguem encontrar um lugar. Neste debate, as disciplinas tradicionais com a força de professores especialistas no assunto tendem a ter vantagens. De fato, temos ainda muito poucos professores com uma formação gerontológica que poderiam pleitear para a inclusão desta temática nos currículos.(DOLL, 2008, sp)

O mesmo autor salienta ainda que existem muitas possibilidades para inserção de disciplinas com discussão gerontológica no currículo, como as disciplinas eletivas, cursos de extensão entre outros, esse processo levaria a possibilidade de propor eixos transversais de dentro do currículo, dando visibilidade as questões também da gerontologia. Porém para que isso seja possível, é preciso de professores com vasto conhecimento sobre o assunto para que possa disputar esse espaço.

Além das questões relativas à formação docente, a um dos desafios constantes é com relação às diferentes propostas de atividades, como veremos na fala abaixo.

Eles têm uma resistência com algumas atividades, porque eles acham que o desenhar é coisa de criança. Que educação física[...] pra que eu preciso de educação física [...] entende. Eles têm que entender que o nosso corpo sendo jovem ou de mais idade, ele precisa de exercício, nosso cérebro precisa de exercício, precisa de estímulos.(Simone)

Simone enfatiza a resistência de alguns alunos em participar de tais atividades, no caso do CMET, as aulas de educação física não são obrigatórias, elas fazem parte de um grupo de atividades quem acontece em um determinado período da semana, e o aluno que optar por não fazer esta deverá escolher outra de seu agrado. Assim como eles têm as aulas de educação física, têm também aulas de educação artística e diversas oficinas.

Na velhice assim como nas outras etapas da vida, deve-se incentivar a realização de atividades que forneçam estímulos e possam incentivar funções cognitivas e sociais destes sujeitos. Segundo Doll (2007, p.117) “a educação pode otimizar os aspectos da inteligência prática, as especialidades, a criatividade e a sabedoria”. Assim proporcionar práticas que possibilitem as diferentes áreas do conhecimento se torna um tanto quanto desafiadora diante da resistência de alguns, mas cabe o educador promover meios de integração desse sujeito com algo da proposta que chame sua atenção.

No caso da Simone, ela propõe momentos de trocas com os alunos, no sentido de que para ela é desafiador a prática do crochê, entre tantas outras e na base do diálogo ela vai tentando fisgar o interesse do aluno, ou muitas vezes descobrir qual é o interesse desse aluno para buscar outras propostas. Na sua prática ela procura propor atividades que não tornem a aula cansativa, no sentido de trazer diferentes atividades dividindo a aula em blocos, se uma atividade demanda de mais tempo como o caso das atividades de leitura e escrita, elas são intercaladas.

Um desafio apresentado com relação às turmas com adultos maduros e idosos é a questão dos diferentes níveis de escrita e leitura, que por vezes pode vir a desestimular alguns alunos se o educador não apresentar outras propostas que contemple aquele aluno que realiza as tarefas mais rápido que os demais. Nesse contexto, percebi que uma das alternativas corriqueiras utilizadas pelas educadoras é o uso do caça palavras ou de enigmas. Para Cíntia, o uso dessas alternativas é estimulante para que possam exercitar a mente, além de se familiarizarem com a escrita das palavras, uma vez que o grande desejo deles é serem alfabetizados.

Nas entrevistas percebi que apesar da falta de formação gerontológica das educadoras, buscam no fazer pedagógico, alternativas para driblar as dificuldades oriundas desse contexto educacional. Encontram apoio em práticas já realizadas com turmas anteriores e que trouxeram de certo modo algum resultado positivo, a própria trajetória profissional traz uma bagagem que é a todo o momento resgatada procurando atender as necessidades daqueles sujeitos.

6.4 Rede de relações sociais na velhice

Além dos três eixos norteadores para esta pesquisa, outros temas apresentaram relevância para o estudo por isso foi incluído aqui, como a questão da rede de relações sociais na velhice. A fim de compreender de que forma as educadoras percebem estas configurações dentro do contexto da EJA.

Hoje em dia temos novas formas de socialibilidade na velhice que antigamente não era viável, principalmente pela forma como os idosos vem se manifestando e a medida que a sociedade os percebe como sujeitos ativos. A sociabilidade na velhice não é mais vista como forma de substituir as relações familiares, porém nota-se aí que há esferas distintas de relações criadas pelas redes de relações sociais nesta etapa da vida. Isso aparece também nas entrevistas:

Ter elos de amizade isso faz bem para eles, é importante. O que acontece, muitos são sozinhos por exemplo, a própria Maria José, ela mora sozinha, o neto que cuida mas o neto mora em Caxias. Aqui pra ela[...], ela vem claro ela vem pra estudar, para aprender, mas o mais importante é encontrar com os colegas, conversar, dar gargalhadas.(Simone)

Na vida adulta estas relações sociais ampliam-se diferentemente da juventude, aqui ela se manifesta de maneira complexa, geralmente as pessoas buscam relacionamentos sociais que lhes forneçam algum tipo de retorno.

Com o passar da idade, os contatos sociais passam a serem reavaliados, então os sujeitos buscam outros meios de se conseguir esses contatos, conforme a fala de Simone, a escola também é vista como uma rede social para muitos idosos. Pois é muitas vezes no espaço escolar que estes idosos iram criar novos laços, dividir experiências e afinidades, assim reafirmando a importância da função social da escola.

O tamanho da rede refere-se ao número de pessoas que a compõem. A quantidade de componentes de uma rede social pode indicar facilidade ou dificuldade do indivíduo em se relacionar socialmente. Porém, uma rede com poucos integrantes não implica necessariamente em prejuízos para as pessoas.(NOGUEIRA, 2001, p. 19).

Não é o tamanho da rede que a faz importante ou significativa, e sim a qualidade com que os indivíduos que a compõe se articulam e fornecem algum tipo de feedback para os demais. O espaço da EJA é rico no sentido de possibilitar que diferentes sujeitos se liguem através de conexões que o espaço escolar permite que sejam descobertas. Conforme Günther (2009, p. 14) “por meio das relações sociais aprendemos, trocamos afeto, informações, recebemos e prestamos apoio, construímos e mantemos nossa identidade”, por isso as considero fundamentais para a manutenção da educação para o envelhecimento.

Além disso, não podemos esquecer de que as características de personalidade de cada indivíduo é que determinam suas preferências sociais, assim verifica-se que os casos de isolamento social estão diretamente ligados a qualidade com que estes sujeitos estão envolvidos em suas redes de relações sociais.

Outra fala que vai de encontro com a importância das redes é apresentada abaixo.

Ficar sozinha para pessoa de mais idade isso não é bom. E como foi dito na palestra que a gente foi, a questão da depressão[...]isso é uma coisa que a gente tem que cuidar muito nas pessoas de idade é a questão da depressão, pois eles se isolam [...](Simone)

Nesse relato, Simone contou sobre uma palestra que assistiu ministrada por um neurologista, durante a entrevista ela citou várias vezes a palestra como fonte de informações necessárias para o trabalho com adultos maduros e idosos. Quando relatou a frase acima a mesma citou casos de alunos que entraram para a EJA com sintomas ou até mesmo com diagnóstico de depressão, mas que com o tempo muitos sintomas foram amenizados. Nas palavras dela, as educadoras têm que estar atentas as mudanças de comportamento dos alunos, para que tão logo possam buscar soluções juntos.

Segundo Maturana (2001, p. 43), as nossas relações sociais dependem de assumirmos as capacidades do outro envolvido nessa relação, e, se isso não ocorrer, essa relação não será social. Assim, o educador precisa colocar-se no lugar

do educando, tentando compreender suas dúvidas a fim de lhe dar as respostas de que está necessitando. Importante lembrar que diferentes verdades existem, assim como diferentes sujeitos, e devem ser respeitadas. Essas relações são estabelecidas dentro e fora de sala de aula no ambiente escolar, com as falas das entrevistadas algumas ideias me fazem refletir sobre possíveis outros motivos que estão inseridos nessa busca pela educação na 3ª idade.

Nesse contexto, a educação de jovens e adultos pode oferecer aspectos interessantes, indo além da simples aprendizagem, se constituindo como um espaço em que estes adultos maduros e idosos buscam para estabelecer novas relações e talvez suprir outras ocasionadas pelas perdas durante a vida.

7 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES DESTE ESTUDO

Quando iniciei este trabalho muitos conceitos e questões oriundas da educação gerontológica me fizeram buscar novas leituras e nesse caminho surgiram algumas dúvidas temporárias e certezas. A primeira delas é com relação às limitações da minha pesquisa, pois apesar de encontrar educadoras sensíveis a temática estudada, compreendo que em outros contextos talvez a visão sobre o envelhecimento e as práticas sejam outras.

Terminei este trabalho com a certeza de que sigo trilhando por mais respostas e desacomodações com relação às maneiras como o envelhecimento muitas vezes é visto, além de defender a ideia de que são urgentes estudos sobre ele no campo da educação. Quando escolhi estudar mais sobre esta temática vinculada ao contexto da EJA em que realizei minha prática de estágio, tinha um objetivo, mas no decorrer das leituras e com a realização das entrevistas outras questões foram levantadas provocando a reformulação do objetivo.

Ao realizar as entrevistas mergulhei na fala das educadoras, resgatando a minha experiência com adultos maduros e idosos, e de como foi gratificante aquela vivência. Apesar das dificuldades que eu encontrei na minha prática talvez por falta de literatura e conhecimento nos estudos da gerontologia, percebi o foco na ação pedagógica e da importância de como este educador estabelece relações com os alunos. É a maneira como ele vai estabelecer estas relações e dar visibilidade para estes alunos é que vai nortear a sua prática.

No caso das três entrevistadas, apesar de apresentarem certo estranhamento com relação ao que é o envelhecimento, através das suas falas nota-se certa sensibilidade para a temática. Uma vez que consideram estes adultos maduros e idosos sujeitos com potencialidades a serem exploradas, considerando a escola local fundamental para possibilitar novos ganhos, promover a inserção social e a possibilidade de criar novas redes de relações sociais.

A falta de formação também foi salientada como a principal queixa com relação aos cursos de formação, pois estes adultos maduros e idosos estão cada vez mais presentes no ambiente escolar, em busca de formação, de direitos que lhes foram negados ou postergados e muitas vezes os educadores não problematizam que existem singularidades para essa prática pedagógica. Os estudos gerontológicos devem aos poucos ganhar espaço dentro dos cursos de formação uma vez que a

questão do envelhecimento e as configurações sociais estão mudando. Isso me remete a necessidade de pensar em meios de garantir para uma parcela cada vez maior os direitos previstos em lei, entre eles o direito a educação na 3ª idade.

Nesse sentido a EJA aparece como uma conquista para estes sujeitos, cumprindo seu papel social, entretanto o espaço escolar e a escola não foram pensados para estes sujeitos, assim encontram algumas barreiras no acesso ao ensino. Assim, algumas práticas podem vir de forma descontextualizadas, assim como avaliação dos mesmos. Através das entrevistas percebi que as educadoras mostram-se interessadas e procuram na medida do possível informações e formação para lidar com as especificidades que o público de mais idade pode trazer para o contexto escolar.

A questão primordial deste estudo é compreender quais os desafios apresentados na prática educativa para adultos maduros e idosos, a partir dos depoimentos de educadoras da Educação de Jovens e Adultos(EJA), refletindo sobre os desafios elencados, como trabalham com estes sujeitos, e como percebem a ocupação dos mesmo no contexto da EJA. Nesse sentido outras questões sugeriram trazendo relevância para um futuro estudo, como: A feminização da velhice, ou seja, a presença predominante de mulheres idosas no ambiente escolar; a ocupação do espaço escolar pelos adultos maduros e idosos, no sentido de compreender como percebem aquele espaço e que outras relações são estabelecidas ali e a inserção dos assuntos sobre o envelhecimento no currículo dos cursos de formação, possibilidades.

Contudo desejo registrar a minha satisfação em ter estudado e refletido nesta pesquisa sobre as questões oriundas gerontologia educacional, me provocando, trazendo novas questões para estudo e contribuindo para a minha formação profissional e na minha trajetória como sujeito.

REFERENCIAS

ALVES, Andréa Moraes. **Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares**. In: NERI, A. L (org.). Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC, 2007.

Ariès, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro:LTC,1981.

BALTES, P. B., & SMITH, J. (2003). **New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of fourth age**.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer **CNE/CEB nº 11/2000**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proeja_parecer11_2000.pdf>. Acesso em: 11/06/2013.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos e vida**. In: Ortiz, Renato (org) – BOURDIEU, Coleção cientistas sociais. Nº 39. São Paulo: Ática1983

CERONI, Denise Costa. **A educação de adultos maduros e idosos : aprendizagens escolares construídas e partilhadas no grupo revivendo a vida**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

Debert, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**/Guita Grin Debert – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

Debert, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. REVISTA USP, São Paulo, n.42, p. 70-83, junho/agosto 1999.

DOLL, J. **Educação e Envelhecimento - fundamentos e perspectivas. A Terceira Idade**. SESC São Paulo, v.19, p.7 - 26, 2008.

Eizirik, Cláudio Laks. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**/ Cláudio Laks Eizirik, Flávio Kapezinski, Ana Margareth Siqueira Bassols – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. **Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados**. – Campinas, SP:Editora Alínea, 2009. – (Coleção velhice e sociedade) vários autores

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**.Rio de Janeiro: Paz e Terra(1ª ed, 19ª ed, 1989)

GADOTTI, Moacir. LIÇÕES DE FREIRE. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, Jan. 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010225551997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01/07/2013.

GODOY, Arlida Schmidt. **"Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades."** *Revista de administração de empresas* 35.2 (1995): 57-63.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros.** Programa de Pós Graduação em Educação, Unesp, Marília. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIcipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em 03/05/2013.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a elaboração de roteiro para pesquisa semiestruturada. In: MARQUEZINE, Maria Cristina; ALMEIDA, Maria Amélia; OMOTE, Sadão (orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial.** Londrina: Eduel, 2003. P. 11-25.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MENDES, M.R.S.S.B.; GUSMÃO, J.L.; FARO, A.C.M.; LEITE, R.C.B.O. **A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração.** *Acta Paul Enferm.*; vol.18, no.4, 2005

Neri, A. L. & Yassuda, M. S. (Orgs.). (2004). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos.** Campinas: Papyrus, 224 p.

MOLL, Jaqueline (org). **Educação de Jovens e Adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004. P. 9-17

NERI, Anita Liberalesso. **Idoso no Brasil : vivências , desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007. 288p.

NERI, A.L.; CACHIONI, M. **Velhice bem-sucedida e educação.** In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Orgs.). *Velhice e Sociedade.* Campinas: Papyrus, 1999. p. 113-140.

NOGUEIRA, E. J. **Rede de relações sociais: Um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três grupos etários.** Campinas, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Silvia Letícia Fernandes. **Do porquê adultos maduros retornaram à sala de aula: um estudo de caso na cidade de Torres/RS.** Contido em: Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos: edição 2007 - 2009 [recurso eletrônico]. 2009. Bib. EDU.

OLIVEIRA, Rita de Cássia, OLIVEIRA, Flávia da Silva and SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **Pedagogia Social: possibilidade de empoderamento para o idoso**. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 3., 2010, São Paulo. **Proceedings online...** Associação Brasileira de Educadores Sociais (ABES), Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092010000100022&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 25 mai. 2013.

Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento 2002 (OMS, 2002).

_____. **Políticas Públicas, Educação e a Pesquisa sobre o idoso no BRASIL: diferentes abordagens da temática nas teses e dissertações (de 2000 a 2009)**. In: IX SEMINÁRIO E PESQUISA DA REIGÃO SUL. [S.l., s.n.], 20--?. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1845/243>>. Acessado em: 7 jun. 2013

SALGADO, Marcelo Antonio. **O idoso brasileiro no próximo século**. Disponível em: <www.sescsp.org.br/sesc/imgens/upload/conferencias/58.rtf>. Acesso em 7 jun. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [S.l., s.n.], 2013?. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 jun. 2013.

APÊNDICE A – Eixos e questões para entrevista

As questões orientadoras para este estudo surgiram dos seguintes eixos:

Significado do envelhecimento	<ul style="list-style-type: none">• Como percebem o envelhecimento
Desafios de aprendizagem de adultos/idosos	<ul style="list-style-type: none">• Que questões próprias ou não do processos de envelhecimento influenciam no processo
Como lidam com estas questões	<ul style="list-style-type: none">• Que dinâmicas/materiais/suporte buscam para lidar diante das dificuldades apresentadas

APÊNCICE B – Ficha de identificação

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Nome:	
Idade:	Sexo:
Experiência na docência com Jovens e adultos:	
Ocupação atual:	
Outros dados que julgar interessante:	

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFRGS/FACED/CURSO DE PEDAGOGIA Pesquisa para trabalho de conclusão de curso

A presente pesquisa é produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e tem como objetivo investigar se a Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente adultos maduros e idosos, seria mais uma rede de apoio social na velhice.

Para isto será realizado uma entrevista individual com profissionais atuantes na educação de adultos maduros e idosos. A entrevista será gravada e transcrita para análise, preservando o sigilo e a identidade do entrevistado, não fornecendo nome dos participantes, sendo estes substituídos por codificações.

Eu, _____, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que conheço os objetivos e as finalidades da pesquisa e concordo em participar da mesma.

Ao final do estudo serei informado dos seus resultados, pela pesquisadora.

A aluna-pesquisadora Anne Marina Correa Tavares é orientada pelo Professor Dr. Johannes Doll, professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (telefone: 3308-4144).

Desde já agradeço sua participação nesta pesquisa

Porto Alegre, ____/____/2013

